

## *A MULHER SÁBIA E PRUDENTE: APROXIMAÇÕES*

MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA - CITCEM

idalina.resina@clix.pt

**RESUMO:** O artigo sobre *A Mulher Sábia e Prudente* (a partir de um original de Goldoni) começa com uma informação sobre versões portuguesas com diferentes títulos (1768 e 1778), analisa a cópia manuscrita posterior (1784) e detém-se, em seguida, na apreciação do argumento e na análise das personagens. Fundamentalmente a intriga concentra-se no sensato e eficiente modo de actuar da protagonista, trocada inicialmente pelo marido por uma amante de mais elevada postura social e reabilitando o seu casamento a partir de estratégias muito bem urdidas e sem causar prejuízos a ninguém. No final, todos lhe ficam gratos e até os criados aprendem com as suas lições, uma das quais é, sem dúvida, a da mútua compreensão necessária para um casamento feliz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casamento, Mulher, Marido, Astúcia

**ABSTRACT:** The article on *A Wise and Prudent Woman* (from an original by Goldoni) begins with some information on Portuguese versions with different titles (1768 and 1778), it analyses a later handwritten copy (1784) and following that, dwells on the consideration of the argument and on character analysis. The plot essentially concentrates on the sensible and efficient way in which the protagonist acts, initially exchanged by her husband for a lover of higher social position and rehabilitating her marriage through finely interwoven stratagems without harming anyone. In the end, everyone is grateful to her and even the servants learn their lessons, one of which is, no doubt, that of the required mutual understanding for a happy marriage.

**KEY-WORDS:** Marriage, Woman, Husband, Wisdom

### **A abrir**

Acontece que, para intervenções neste nosso Centro, pela segunda vez me debruço sobre teatro de cordel do século XVIII, época e área literárias em que não sou minimamente especialista, mas que, por vezes, me alicia por me confrontar com um aparente (ou não) parentesco entre títulos inscritos em Catálogos e certas opções temáticas dos programas anuais.

Desta vez, a *colagem* é um tanto deficiente, reconheço, exigindo a boa vontade dos ouvintes (ou leitores) na atenção a uma *sabedoria* feminina que não é propriamente de *aias* ou *mestras de noviças*, mas singelamente e sobretudo de uma mulher casada.

Mais ainda, tal como em anterior *investida*, não fui capaz de ceder à tentação de me interessar pela face material do enredo didáctico (a brochura), ou melhor, pela sua sintomática presença em várias compilações da nossa dramaturgia setecentista, pela existência de uma cópia manuscrita, de um códice encontrado, pela dualidade de rótulos.

Incapaz de apresentar explicações cabais para esta panóplia de manifestações de um texto afinal tão pouco conhecido, obrigo-me, no entanto, a elencar os *meus achados* que os mais entendidos, em campos alargados, não deixaram passar completamente em claro, mas que posso precisar com este caso individual da *Mulher Sábia e Prudente*<sup>1</sup>.

A comédia em apreço é uma das muitas versões de Carlo Goldoni, diz-se que só por Metastasio ultrapassado na influência no teatro português da segunda metade do século XVIII, com o título original de *La Moglie Saggia*, talvez não por acaso ampliado na lusitana versão, já que a *sabedoria* por si só não é necessariamente *sageza*; a *prudência* também ajuda, e muito, a completar o perfil desenhado da protagonista.

Inventariarei, pois, os materiais difusos, desde já deixando indicada a selecção feita para o posterior apuramento das linhas argumentativas.

### **Seleção e inventário**

Eis as minhas escolhas, em termos de originais disponíveis.

O escrito de base para o trabalho pertence à Sala Jorge de Faria da Universidade de Coimbra e é assim apresentado:

#### **Mulher sábia e prudente**

Santa Rita, José de

Comédia nova intitulada Mulher sábia, e prudente / do muito reverendo padre Fr. Joseph de Santa Rita. – Lisboa. Oficina de João Baptista Alvares, 1768. – 119, [1] p.; 15cm.

A verdade, desde logo, é que o Catálogo, que assim nos elucida, da autoria de José de Oliveira Barata e Graça Pericão (*Catálogo da Literatura de Cordel*.

---

<sup>1</sup> Penso em José da Costa Miranda e nos seus *Estudos Luso-Italianos*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1990; e em ALMEIDA, Maria João (2007) — *O Teatro de Goldoni no Portugal de Setecentos*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

*Colecção Jorge de Faria*. Lisboa: INCM e FCG, 2006), nos presta informação sobre o registo da mesma edição nas antologias congéneres<sup>2</sup> e que a consulta do espólio da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), como muito bem verificou Costa Miranda<sup>3</sup>, não se afigura despcienda.

Complementarmente, para o original de *A Mulher Amorosa* (adiante confirmarei tratar-se fundamentalmente da mesma obra), por facilidade de busca, consultei o exemplar da BNP e a digitalização oferecida pela Fundação Gulbenkian, sem negligenciar, como informação, o registo de Coimbra que reza assim:

### **A mulher amorosa**

Goldoni, Carlo

Comedia intitulada *A mulher amorosa*, / composta pelo doutor Carlos Goldoni, advogado veneziano; traduzida no idioma portuguez, para se representar no Theatro do Bairro Alto. – Lisboa: Officina Luisiana, 1778. – 34 p.; 20cm<sup>4</sup>.

Adiantado este esclarecimento, (movida eu, é certo, sobretudo por motivos de comodidade), retenhamos agora, em síntese, e com o auxílio da bibliografia assinalada na nota 1, o percurso do folheto (?) que, evidentemente, mais pelo *âmbito* do que pelas *faces*, nos virá a interessar, aqui e ali recuperando o que fica dito.

Curiosamente, a primeira referência a *Mulher Sábia e Prudente*, encontra-se num documento da Torre do Tombo e é um pedido de licença de impressão, de 1764, assinado por José Maregelo de Osan, pseudónimo literário ou anagrama de José Ângelo de Moraes<sup>5</sup>, que poderia admitir-se ter sido o seu tradutor, (não esqueçamos que o original pertence a Goldoni, sem que a autoria venha assinalada) se, quatro anos depois, nos não aparecesse o nome de Frei José de Santa Rita sugerido como autor (a já referida *Comedia nova intitulada Mulher sabia, e prudente*/do muito reverendo padre Fr. Joseph de Santa Rita) acenando-nos com a pista de, evidentemente, ser ele o responsável pelo traslado português<sup>6</sup>.

Sobre o atraso de quatro anos na publicação nada se pode adiantar uma vez que se sabe ter sido positivo, embora muito sucinto, o parecer de Barbosa Machado sobre a impressão desta e de outras comédias apresentadas em

<sup>2</sup> BARATA, José de Oliveira e; PERICÃO, Graça (2006) — *Catálogo*, p. 247.

<sup>3</sup> COSTA MIRANDA, José da (1990) — *Estudos*, p. 293.

<sup>4</sup> BNP, L3571A e FCG, TC 212; BARATA, José de Oliveira e; PERICÃO, Graça (2006) — *Catálogo*, p. 245.

<sup>5</sup> COSTA MIRANDA, José da (1990) — *Estudos*, p. 282-283.

<sup>6</sup> Confrontar com a apresentação de PINTO DE CASTRO, Aníbal (1974) — *Catálogo da Colecção de Miscelâneas. Teatro*. Universidade de Coimbra. Coimbra: Coimbra Editora, p. 183 e 207.

simultâneo («Estas Obras Poéticas compostas para se representarem no Theatro não contem cousa alguma q[ue] lhes impida a sua publicação»)<sup>7</sup>; do mesmo modo se ignora por que não há indicações sobre subidas ao palco, apesar de não se desconhecer um novo requerimento para licença de impressão de 1775<sup>8</sup>.

A acrescentar a estas edições, encontrámos na Biblioteca Nacional de Portugal uma cópia manuscrita, ao que me pareceu da edição de 1768, levada a cabo, em 1784, pela mão de António José de Oliveira, agora sem alusão a Fr. Joseph de Santa Rita, em códice e microfilmada<sup>9</sup>.

Não esquecendo que a comédia de Goldoni, em edições italianas (Bertinelli, a.1753) aparece de outro modo nomeada, como *Moglie Amatora*, denominação que o autor lhe preferiu quando representada em Veneza em 1752, para evitar confusões com outras obras em circulação, mas que posteriormente abandonou com baptismo definitivo de *La Moglie Saggia* (edições de Peperini, 1753 e de Pasquali, 1763, por exemplo), assumindo uma identidade para o palco e outra para a imprensa, não estranhámos que, já com clara atribuição a Goldoni, embora sem informação de tradutor, e sem a adjectivação de *nova*, nos apareça impressa, em 1778, *A Mulher Amatora*, destinada, agora sim, a representação no Teatro do Bairro Alto (o segundo, depois de reconstruído após o terramoto)<sup>10</sup>.

Folheando o exemplar em causa, conclui-se por um evidente aperfeiçoamento lexical (reduz-se o carácter *popular* da edição anterior), por uma aproximação a Goldoni na apresentação das personagens (os *graciosos* são apenas *criados*, os *tolineiros* passam a *amigos*) e pela escolha do protagonista masculino para terminar o diálogo e deixar a lição.

Na Sala Jorge de Faria, d'*A mulher Amatora*, haverá ainda uma nova edição de 1838, para espectáculo no mesmo Teatro, mas, desta feita, com impressão na Tipografia de A. L. de Oliveira.

### **Apresentação de Goldoni**

A edição de *La Moglie Saggia*, que consultei<sup>11</sup>, abriga um prefácio do autor de que vale a pena copiar alguns períodos para não perdermos de vista a sua intenção de conselheiro matrimonial:

*Gran disgrazia è per una Moglie l' avere un Marito disordinato, ma questa disgrazia suol divenire ancora maggiore, quando manca nella Consorte quella*

<sup>7</sup> COSTA MIRANDA, José da (1990) — *Estudos*, p. 283.

<sup>8</sup> ALMEIDA, Maria João (2007) — *O Teatro de Goldoni*, p. 280.

<sup>9</sup> Cod. 1394 e FR 805, respectivamente.

<sup>10</sup> Sobre a data da representação não há certezas, segundo ALMEIDA, Maria João (2007) — *O Teatro de Goldoni*, p. 290.

<sup>11</sup> GOLDONI, Carlo (1991) — *La Moglie Saggia. La Sposa Sagace. La Buona Madre*, a cura di Gastone GERON. Milano: Mursia Editore.

*prudenza, che in simili casi è necessaríssima.*

[...]

*Non è che una donna onorata, e molto meno una dama, abbia da tollerari tranquillamente i torti che dal marito gli vengon fatti, e da trattare con amicizia una persona che intorbida la pace della sua famiglia: ha da cercare di remediarvi, ma com prudenza.*

[...]

*Esta é quella virtú che constitue la Moglie Saggia, questa é quella virtú di cui ho arricchita la mia Rosaura, per esempio delle donne prudenti e per conforto delle misere tribolate<sup>12</sup>.*

Se outra razão não houvesse, aqui se encontra uma boa justificação para o título da primeira tradução portuguesa.

### **Achegas sobre um arranjo setecentista**

Casada, por decisão do pai (Redolfo), com o Conde Octávio, a plebeia Rosaura não se poupa a esforços para recuperar o amor do marido, de há muito seduzido pela Marquesa Beatriz, ainda que, para tal, tenha de urdir alguns *desculpáveis* estratégias.

Conseguirá o seu objectivo, sem se curvar a pseudo-ajudas de amigos intriguistas ou de criados compreensivelmente lambareiros.

Esta é a intriga central de uma peça em três actos, concentrada num curto espaço de tempo (uma noite e um dia?), modesta nos espaços (as casas das duas famílias), repetitiva nas sóbrias didascálias (entradas, saídas, breves notas de humor, singelos objectos repetidos, como o livro, as mesas, as cadeiras, os copos, as garrafas, indicativos de iluminação).

Dum modo geral, predominam os diálogos ágeis, embora, evidentemente, a linguagem e a extensão variem conforme a marca social das personagens (criados e senhores têm diferente linguajar).

### **Rosaura: pensar e agir**

De Rosaura, personagem que ao longo da comédia vamos apreciando, desconhecemos a idade e o aspecto físico (no final lembrará que não é formosa)<sup>13</sup>, sabemos que, antes de Condessa, fora rapariga do povo, estatuto social acentuado em dizeres de muitos dos intervenientes, como o marido, a Marquesa, o pai, os pretensos amigos («huma mulher humilde»)<sup>14</sup> que, mesmo

<sup>12</sup> GOLDONI, Carlo (1991) — *La Moglie Saggia*, p. 59.

<sup>13</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 119.

<sup>14</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 9, por exemplo.

casada, continuava vestindo modestamente, pois o consorte mais se preocupava com as vestes da amante do que com as da mulher legítima («e minha ama, por ter muita precisão, pediu-lhe que lho comprasse [um vestido]»)<sup>15</sup>.

Antes do casamento, imaginamo-la, severa mas bondosamente, educada apenas por um pai a quem obedece na escolha de esposo nobre, que viria a proporcionar-lhe uma mudança hierárquica particularmente ambicionada pelo progenitor, mas que ela própria não deixará de valorizar quando rejeita a hipótese de separação conjugal mais tarde proposta pelo já arrependido familiar: «Eu sou mulher do Conde Octávio, e eu adquiri aquele grau de nobreza, que teve a virtude de namorar-vos», dirá então<sup>16</sup>.

Para além destes laços paternos, tudo leva a crer que tenha vivido sem outras influências, talvez mesmo sem prática de amigável conversação, sempre uma jovem habituada a tomar entre mãos o seu próprio dever, segundo se depreende da sua maneira de falar e agir durante o desenrolar dos acontecimentos.

Nos diálogos, seja quais forem os interlocutores, a sua postura é sempre individualmente assegurada, de recusa de opiniões alheias e segurança nas suas próprias, como quem aprendeu a defender-se consigo mesma praticando. Com energia a podemos ouvir, ao rebater o parecer do pai, ao impor-se às insinuações dos coscuvilheiros e dos criados e, particularmente, com subtil energia na conversa com Beatriz.

Recuperemos algumas das suas palavras decididas em duas ocasiões em que se confronta com o conselho de Redolfo:

*Eu sempre estive resignada, e obediente aos vossos preceitos, nunca me oppôs às vossas determinações; porém agora permitis, que vos exponha o que o meu coração, e o meu presente estado me persuade*<sup>17</sup>.

[...] *não aceito conceitos injustos, acordos malévolos, ajustes sinistros, e obrigações escandalosas*<sup>18</sup>.

Depois das palavras, os actos. Rosaura «rasga o papel [do convénio entre o pai e o marido] e vay-se»<sup>19</sup>.

Neste suposto ensinamento, um precioso auxílio deve ter encontrado na leitura: não sabemos o que lia, mas sabemos que lia muito.

---

<sup>15</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 5.

<sup>16</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 26.

<sup>17</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 26.

<sup>18</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 73.

<sup>19</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 73.

Com um livro nos aparece na sua entrada em cena<sup>20</sup>, reconhecem os tolineiros que «as suas conversações são os livros»<sup>21</sup>, e por isso a lamentam, mas logo a sua defesa surge rápida («este livro vale mais que a vossa cêa»)<sup>22</sup> e para o campo das tonterias empurra as observações com que eles prosseguem o seu arrazoado de infantil troça aos benefícios da leitura<sup>23</sup>.

A amizade atenta às boas letras a ajudará, com o correspondente hábito de reflexão, sem dúvida, a fortificar a paciência, virtude que, a par da prudência, humanamente muito a dignifica.

A dar-nos conta da resignada aceitação da sua sorte de esposa mal-amada se nos apresenta Rosaura, quando a conhecemos, («triste foi a minha sorte»)<sup>24</sup> e à aceitação da mesma sorte se refere em diversos passos sobretudo das primeiras cenas.

Exemplifiquemos com este curto monólogo:

*Em dous annos, que sou cazada com o Conde Octávio, ainda não tive hum dia de contentamento; quis meu pay sacrificar-me, e neste estado, até que o Ceo de mim se lembre, devo cultivar a paciência*<sup>25</sup>.

Complementarmente, e à medida que a representação vai avançando, consolida-se a atitude, não já tanto pela repetição oral, em clima de solidão, de cuja sinceridade não duvidamos, como pelas provas de adequado comedimento na conversação com os menos pacientes interlocutores de que são expoentes o pai e particularmente o marido.

Rosaura nunca magoa, reprime as acusações, desenvolve um raciocínio tranquilo e secundariza a violência de certas agressões verbais.

Atentemos neste excerto:

*Octav. Porque vos não deitasteis?*

*Ros. Esperava por vós.*

*Octav. Já mil vezes vos tenho dito que não quero sujeição; ide-vos deitar.*

*Ros. Faço gosto de esperar por vós.*

*Octav. Esses melindres para mim são escusados. Com desprezo.*

[...]

*Não quero meninices*<sup>26</sup>.

A prudência, por seu turno, enraíza na rectidão de carácter, desvia do rápido

---

<sup>20</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 11.

<sup>21</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 14.

<sup>22</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 14.

<sup>23</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 16, 18, 19 e 21.

<sup>24</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 11.

<sup>25</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 13; ler também p. 27 e 32.

<sup>26</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 28.

mau ajuizar, sempre inclinada a afastar ou a atrasar suspeições do modo de agir alheio, que só muito lenta e consistentemente se vão aceitando como irrefutáveis.

Há o monólogo interiorizado<sup>27</sup>, o rebater coordenado das certezas do pai<sup>28</sup> e a correcção da linguagem do criado<sup>29</sup>; só tarde, mas ainda a tempo, se aceita o que inaceitável parecia.

E aqui entramos no que mais importa para o desenrolar da acção: paciência e prudência não impedem a ausência de uma estratégia de defesa, antes lhe reforçam os contornos, com um sólido encaminhamento para o sucesso.

\*\*\*

Antes, porém, de lhe seguirmos os meandros, e para melhor acentuarmos a sua razão de ser e a pragmática força que a motiva, abordemos sucintamente outra vertente do pensar e do sentir de Rosaura que não deixa de funcionar também como entrave a qualquer hesitação.

A jovem protagonista, já o dissemos, casou por escolha paterna, logo não foi o amor (pelo menos o seu, porque Octávio lhe queria bem) que a conduziu ao matrimónio mas, paradoxalmente ou não, para ela a aceitação do marido implicaria, para além de um dever de obediência filial e de um adquirido respeito a códigos da nobreza em que passaria a rever-se, uma porta aberta para o amor que, talvez, a pouco e pouco, se vai sobrepondo a outros imperativos como o respeito, a fidelidade, a honra, a paz doméstica que, naturalmente, também são elos a considerar.

Confrontemos passos deste cruzamento de imposições íntimas de Rosaura.

Desde logo, o respeito pelo progenitor sublinhado com as benesses da nova condição:

*Eu sou, mulher do Conde Octávio, e eu adquiri aquelle grão de nobreza que teve a virtude de namorar-vos [...] Se o Ceo me conceder filhos, serão verdadeiramente nobres; eu terei a consolação de os ter dado à luz, e vós vos alegrareis vendo nelles o maior fructo de vossas fadigas<sup>30</sup>.*

Mais tarde, a decisão de não interromper um matrimónio com os alicerces do seu:

*Que sou mulher do Conde Octávio; que só o golpe da morte me pode separar dele<sup>31</sup>.*

---

<sup>27</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 22.

<sup>28</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 23.

<sup>29</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 40.

<sup>30</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 26-27.

<sup>31</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 73.



Por fim, no andamento do terceiro acto, a primazia do vínculo amoroso (com a chamada de atenção para anterior afecto do marido), amiudadas vezes afirmada e gostosamente usada para explicar a sua conduta, mesmo sabendo ter corrido o risco de envenenamento (ou não fosse Rosaura também *A Mulher Amorosa*).

Algumas falas para o Conde:

*Se tendes precisão de quem vos sirva, aqui estou eu, e ninguém vos servirá com maior amor do que a vossa esposa*<sup>32</sup>.

*Isto direi somente para fazer-vos compreender, que vós me ensinasteis a amar*<sup>33</sup>.

*Ocorra-vos, que vós fosteis o meu primeiro, e único amor; lembrai ao vosso coração, e a vós mesmo por um momento as ternuras, que no espaço de hum anno praticasteis comigo*<sup>34</sup>.

\*\*\*

Desdobrado, então, este caudal de razões para a conservação do nó matrimonial, relembremos a atrás referida aliança entre a prudência e a paciência com a prossecução de um astucioso plano que talvez não esperássemos. «Estudarei algum caminho racionável e honesto, para remediar este dano»<sup>35</sup>, confessa a protagonista no final do primeiro acto, teatralmente deixando o leitor/espectador em suspenso.

Será na quarta cena do segundo acto que a resposta virá. Rosaura dirige-se a casa de Beatriz e, fingindo sempre confiar numa seriedade que sabe não existir, representa uma *tragicómédia* em vários tons, através de um discurso bem programado e, como tal, de impossível contestação, ainda que falseador da verdade.

No *intróito* e no *epílogo*, o simulado mas encomiástico elogio da rival:

*Vós que sois huma dama sábia, e virtuosa, vos compadecereis do meu estado; de meu próprio pay não faço a confiança, que quero fazer de vós em o descobrir-vos o meu peito, comprehendereis a estimação que faço de vossas virtudes*<sup>36</sup>.

*He supérflua essa vossa justificação, sei quem sois, e por este motivo venho*

<sup>32</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 101.

<sup>33</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 103.

<sup>34</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 105. Há talvez aqui uma certa contradição com afirmações anteriores.

<sup>35</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 42.

<sup>36</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 60.

*entregar-me nas vossas mãos; ninguém melhor do que vós entende o que deve obrar huma Dama sábia, e huma mulher honesta*<sup>37</sup>.

Antes da abordagem do cerne da questão, lisonjeado o ânimo da visitada, há ainda lugar para uma contextualização na paz doméstica em geral, como área em que duas *virtuosas* mulheres não poderão deixar de estar de acordo:

*Bem persuadida estareis de que não se dá neste mundo outro bem mayor do que a paz doméstica; de tal sorte que se acaso se pude-se dar verdadeira felicidade na terra, creyo certamente que a paz, a tranquillidade e, o socego do animo seria o sumo bem, porque se suspira*<sup>38</sup>.

Só depois, garantida uma impossibilidade de discordância, se envereda pelo caso particular e, numa longa e chorada lamentação, a mal amada esposa presta contas da sua situação, a situação de quem vive em «perpétua guerra» com o marido<sup>39</sup>, que lhe foge e a ofende:

*Agora não olha para mim, não me falla, foge ás occasioens de vêr-me, aparta-se do leito conjugal, e trata-me como se eu fosse a sua mais fêra inimiga*<sup>40</sup>.

Feito o desabafo pessoalizado, digamos assim, terá de ser habilmente dada a conhecer a *verdadeira* razão da entrevista solicitada; Rosaura não se deslocou apenas para se lamentar; mas especialmente porque, afirma, sendo Beatriz amiga *desinteressada* do Conde e mulher menos ignorante, ela poderá ser, junto dele, a advogada da infeliz consorte, alertando-o para os deveres de um honesto marido e de qualquer «cavalheiro honrado»<sup>41</sup>, deveres que cuidadosa e minuciosamente se inventariam e enaltecem.

O pedido é angustiado e acompanhado de lágrimas:

*Supplico-vos por tudo quanto posso, e vos peço com lágrimas nos olhos, nascidas do mais casto, e do mais sincêro amor conjugal, que lhe falleis por mim...*<sup>42</sup>

Acredita Beatriz na sinceridade da visitante? De modo nenhum, mas poucas armas lhe ficam para manter a condenável relação com Octávio.

A segunda mostra da capacidade estratégica de Rosaura tem lugar já nas

---

<sup>37</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 63.

<sup>38</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 60.

<sup>39</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 60.

<sup>40</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 61.

<sup>41</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 62.

<sup>42</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 61.

últimas cenas do terceiro acto e traduz-se no inteligente aproveitamento do veneno que lhe estava destinado. Avisada pelo criado da corrupção da sua limonada, fingirá junto do marido ignorá-la e estar disposta a tomá-la por amor não correspondido; arrependido este e pronto a ser vítima da sua própria armadilha, perdoa-lhe e *aparentemente* salva-o de inglória morte e cativa-o para o desejado pacto conjugal («Abração-se estreitamente»)<sup>43</sup>.

Com Beatriz, entretanto chegada a casa dos condes, o isco da limonada volta a funcionar; indignada por ver-se substituída junto de Octávio, e prestes a desmaiar, socorre-se esta do refresco que tem ao seu alcance; ignorando que o copo tinha sido substituído, admite o ex-amante a eminência da sua morte mas, ao chamar um médico, é a própria Rosaura que aparece:

*Não, não morrereis, naquelle crystal não estava o veneno, tão pouco acautelada não fui em guardá-lo, deteyo fora, e fiz a troca com outra limonada innocente, e mostrei, que me sacrificava a tomar o veneno, só para ver até aonde chegava a crueldade de meu esposo*<sup>44</sup>.

Em clima de mútuo perdão, a Marquesa reconhece o seu erro e exalta a antiga rival («Ah! Condessa, a vós devo a vida; perdoai-me [...]. A Deos para sempre»)<sup>45</sup>.

Ficamo-nos, então, com os louvores a partilhar pelo público à «Mulher Sábia, e Prudente»<sup>46</sup>.

### **A sabedoria contamina?**

Os criados são, como sabemos, personagens imprescindíveis neste teatro setecentista; adjuvantes ou críticos dos patrões, não sendo responsáveis pelo progresso da acção, muitas vezes nos sintonizam com ele e lhe atrasam ou aceleram o remate.

Neste caso, porém, o par constituído por Coralina e Pandorga (foi mudado o nome italiano de Arlechino) tem ainda o interesse de reforçar a linha argumental prioritária: Pandorga aprenderá com o amo a ser mais exigente com a mulher e Coralina, por seu turno, recolherá de Rosaura a lição de *prudente* acautelamento para o bom sucesso do matrimónio.

Porque da sabedoria feminina nos ocupamos, deixemos em segundo lugar a evolução do servo e recolhamos algumas dicas sobre a transformação de Coralina.

<sup>43</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 108.

<sup>44</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 117.

<sup>45</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 117.

<sup>46</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 119.

Aparece-nos a incitar a ama à desconfiança no marido e a aconselhar a *guerra aberta* («enfadai-vos com elle»)<sup>47</sup> para, logo de seguida, se auto-definir como a mulher que manda no consorte e não se resigna a traições:

*Se isso fora commigo, não me deixaria meter debaixo dos pés: se elle levantasse a voz tres pontos, eu seis: se elle levantasse a mão, eu havia levantá-la mais alta que a sua. Pandorga, meu marido, faz o que eu quero, e trata-me com respeito. Oh! se elle tivesse huma amizade fixa, como meu Amo, não lhe faltaria que soffrer todas as horas*<sup>48</sup>.

Adiante, ainda convencida da sua superioridade conjugal, discute bravamente com Pandorga (que, entretanto, começara a perder o amolecimento) e indigna-se com a reacção dele («perder-me o respeito! insultar-me! chamar-me lambareira!»)<sup>49</sup>, para, na conversa seguinte, após uns momentos da costumada exaltação, se ir aproximando de um convencimento dos seus erros («es meu marido e devo amar-te»)<sup>50</sup>.

De facto o amor parece realmente ter chegado, o ciúme verdadeiro vence-a<sup>51</sup>, a prudência de Rosaura contagiou-a e a relação entre os dois acabará em bem<sup>52</sup>. Coralina compreendeu finalmente a patroa que antes criticara pela brandura e pela paciência:

*Agora percebo; ella sabe mais do que eu. Oh! esta sim, que he huma mulher sabia e prudente*<sup>53</sup>.

Diferentemente, sem uma evolução faseada, apenas no final do terceiro acto, Beatriz, ao saber-se salva da morte por envenenamento, reconhece erros e pede perdão:

*Ah, Condessa, a vós devo a vida; perdoai-me, se por minha causa sofresteis tantos desgostos. A minha amizade com o Conde, vosso marido foi honestíssima; eu devo livrar-vos de sustos, a mim de perigos, e ao mundo de observações. A Deos para sempre*<sup>54</sup>.

Se a amizade com o Conde foi ou não honestíssima, eis a dúvida que nos fica, como dúvida nos fica sobre os reais sentimentos amorosos da Marquesa. O

---

<sup>47</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 12.

<sup>48</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 12.

<sup>49</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 37.

<sup>50</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 77.

<sup>51</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 81 e 92.

<sup>52</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 93.

<sup>53</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 82.

<sup>54</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 117.

que, para nós, fica bem claro é o seu comportamento antitético ao de Rosaura, pois nem sabedoria nem prudência a caracterizam.

Orgulhosa, comenta o plebeísmo da rival, («A culpa he vossa; não vos desposásseis com uma mulher humilde») <sup>55</sup>, aceita e incentiva a coscuvilhice dos criados <sup>56</sup> e entrega-se à interesseira ajuda dos tolineiros; mas, sobretudo, privilegia a discussão agressiva nos seus contactos com Octávio, como fica evidenciado desde a cena segunda do primeiro acto, na leitura de uma carta que dele recebera e, em posteriores encontros, clamando mais por orgulho do que por dignidade contra a armadilha de que foi alvo por parte de Rosaura e desejando vingança:

*A ira do Conde abranda, muita parte da minha; apreende com reflexão  
Nobre as injúrias, que me fez sua mulher: qualquer ressentimento, que ele  
execute, não dirá que por mim lhe foi suggerido; mas não poderei ver se não com  
gosto, e alegria, mortificada, e punida a minha inimiga* <sup>57</sup>.

Como foi dito, o Conde tentará, então, envenenar a mulher.

Porém, já estamos bem informados de que a bondade e a sageza colhem os louros finais, o que, aliás, desde o início esperávamos.

### **A fechar**

Se Goldoni foi um grande e indiscutível dramaturgo, nem sempre as suas versões portuguesas lhe prestam as devidas honras, empenhadas que se mostram em agradar a um público demasiado afecto ao facilitismo da linguagem popular.

De qualquer modo, nelas ficam registados os contornos da intriga, o perfil das figuras, os ambientes sociais, a oportuna *lição* moral.

Por estas e por outras razões, vale sempre a pena prosseguir com a sua auscultação, o que vem sendo feito, nos últimos tempos, com claro entusiasmo de alguns investigadores.

E que o mesmo esforço se manifeste na abordagem do restante teatro de cordel, que é numeroso, avançando na sua publicação actualizada para abrir portas a uma leitura mais generalizada e facilitar o trabalho dos estudiosos.

Artigo recebido em 26/05/2011  
Aceite para publicação em 03/06/2011

<sup>55</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 9.

<sup>56</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 48 e 49.

<sup>57</sup> *Mulher Sábia e Prudente*, p. 87.